

**Seres Encantados em Conferência no Cerrado Mato-
Grossense: Um Reconto Infanto-Juvenil**

**Enchanted Beings in Conference in the Cerrado of Mato Grosso: A
Child and Youth Office**

Iraci Sartori dos Santos*

* Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Cáceres - MT, 78200-000, e-mail:
ira.sartori2015@gmail.com

Rosana Rodrigues da Silva**

** Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Cáceres - MT, 78200-000, e-mail:
osana.rodrigues@unemat-net.br

Resumo: *Conferência no Cerrado* é uma narrativa infanto-juvenil escrita por Durval de França e Cristina Campos (2008), com ilustrações de Ricardo Leite. A obra abrange o folclore mato-grossense e a sua temática é voltada para questões ambientais. Os seres encantados que a compõem são: *Currupeira*, *Pé de Garrafa*, *Negrinho D'Água*, *Mãe do Morro*, *Tibanaré* e *Boitatá*. Considerando essa temática cultural e o seu caráter sensibilizador para as questões ambientais, torna-se propício e gratificante realizar um trabalho em que se possa ponderar a importância e os desafios do incentivo à leitura aos estudantes no contexto atual. Dessarte, os objetivos dessa pesquisa-ação constituem-se em: refletir a importância da literatura infanto-juvenil, apresentar a obra *Conferência no Cerrado* e expor uma sequência básica realizada com essa obra, assim como os seus resultados. Essa sequência foi desenvolvida com nove alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Alta Floresta, do estado de Mato Grosso. A metodologia de sequência proposta por Cosson (2014) direcionou as atividades que culminaram no reconto da obra em salas de aula do ensino fundamental I e II, mediante estudantes caracterizados de seres lendários. Os resultados demonstraram que é cada vez maior o desafio de motivar os estudantes para a leitura e usufruto da literatura. Porém, percebeu-se que o movimento em prol desse incentivo é benéfico e contribui para o ensino-aprendizagem da literatura na escola.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Conferência no Cerrado; Sequência básica.

Abstract: Conference in the Cerrado is an infantile-juvenile narrative written by Durval de França and Cristina Campos (2008), with illustrations by Ricardo Leite. The work covers the folklore of Mato Grosso and its theme is focused on environmental issues. The enchanted beings that make it up are: Currupeira, Bottle Cap, Water Dark, Mother of the Hill, Tibanare and Boitatá. Considering this cultural theme and its sensitizing character for environmental issues, it is propitious and rewarding to carry out a work in which the urgency and the challenges of encouraging reading in the current context can be considered. Thus, the objectives of this action research are: to reflect the importance of children's literature, to present the work Conference on the Cerrado and to present a basic sequence carried out with this work, as well as its results. This sequence was

developed with nine students from the 9th year of elementary school at a public school in the city of Alta Floresta, in the state of Mato Grosso. The sequence methodology proposed by Cosson (2014) directed the activities that culminated in the retelling of the work in primary classrooms I and II, through students characterized as legendary beings. The results demonstrated that the challenge of motivating students to read and enjoy literature is increasing. However, it was perceived that the movement in favor of this incentive is beneficial and contributes to the teaching-learning of literature in the school.

Keywords: Children's literature; Conference in the Cerrado; Basic sequence.

PALAVRAS INICIAIS

Ultimamente, tem sido desafiante incentivar os estudantes a lerem livros literários, pois existem “atrativos tecnológicos” que competem para o entretenimento e consumação do tempo, em especial os adolescentes. Entretanto, considerando a função do ensino da língua portuguesa voltado para a leitura e o direito que o estudante tem à literatura, torna-se essencial a motivação à leitura e a promoção do letramento literário em sala de aula.

Muitas vezes, no ensino fundamental III e no ensino médio, as propostas de leitura têm predominância analítica; a qual se interessa apenas pelo detalhe do texto. Em oposto disso, Rouxel (2012) sugere o trabalho com a leitura cursiva, leitura autônoma e pessoal, em que autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras. E ainda, “o investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular.” (ROUXEL, 2016, p. 278).

Mediante essas necessidades, os objetivos deste trabalho, constituem-se em: refletir a importância da literatura infanto-juvenil, expor a obra *Conferência no Cerrado* e apresentar uma sequência básica realizada com essa obra, assim como os seus resultados.

A sequência básica foi elaborada e desenvolvida nas proposições de Cosson (2012), com nove alunos do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública da cidade de Alta Floresta, no estado de Mato Grosso. A culminância desta pesquisa-ação foi o reconto da obra na escola, em salas de aula do ensino fundamental I e II, mediante estudantes caracterizados de seres lendários.

Ao término das atividades desta sequência, percebeu-se que é cada vez maior o desafio de motivar os estudantes para a leitura e usufruto da literatura. Porém,

constatou-se que essa experiência proporcionou prazer e conhecimento aos envolvidos, considerando, portanto, os resultados satisfatórios.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL ATRELADA AO FOLCLORE

Atualmente, professores e estudantes têm à disposição obras literárias infanto-juvenil que podem lhes proporcionar além do prazer em ler, conhecimentos e suporte para questões humanas. Ademais, os professores têm “em mãos” a possibilidade de realizar letramentos literários em sala de aula, primordiais para a formação de leitores. Assim, os acervos disponíveis hoje, representam uma conquista para a literatura, uma vez que era escasso o material destinado ao público infantil nas escolas. Retrocedendo na história da literatura infantil, descobrimos como era o período que antecedeu seu desabrochar, conforme postula Charlot:

Houve um tempo em que a criança compartilhava os trabalhos e as festas dos adultos, em que ela vivia a vida dos adultos, em que a idade não era critério escolar essencial, já que se encontravam em uma mesma classe crianças de oito anos e jovens de dezoito, em que o adolescente já era oficial do exército, e em que os colegiais geriam seus colégios e elegiam seu reitor. (CHARLOT, 2014, p.172).

Esse tempo descrito por Charlot, corresponde até o período da sociedade medieval, de forma que o conceito de infância e adolescência ainda não existiam. O livro infantil, por exemplo, surgiu no século XVII, entretanto as narrativas populares, que constituem uma das fontes iniciais da Literatura infanto-juvenil, existiam muito tempo antes, como expõe Arroyo (2011, p. 21): “Na base da literatura infantil estará sempre, soberana, a literatura oral que a antecede historicamente e a fundamenta tematicamente.” Nesse sentido, Coelho convida a reflexão de que antes de Perrault, Grimm ou Andersen e La Fontaine, predominava o folclore transmitido popularmente na oralidade:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos-de-fada ou contos maravilhosos de fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou nas fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes não correspondem aos verdadeiros autores de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países,

reuniram as estórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram. (COELHO, 1991, p.12).

Diante disso, pode-se perceber o quanto o folclore está enraizado tanto na literatura infantil quanto juvenil. E essa predominância não foi diferente também no Brasil, pois de acordo com Magalhães (1987) a Literatura infanto-juvenil estava atrelada somente à literatura oral, enfatizando a cultura de nossas matrizes históricas: a indígena, a europeia e a africana. Segundo ela, os textos para crianças, impressos, não poderiam ser caracterizados como literatura, pois visavam apenas instruir. Isso, inclusive, era uma característica da época. O caráter didático era o que justificava a publicação de textos infantis.

Foi somente no século XIX que o Brasil iniciou os ruídos da literatura infantil e juvenil, pois antes, essa era importada. Sem dúvida, a figura essencial que contribuiu para o desabrochar literário, foi Monteiro Lobato, considerado “o divisor de águas” da literatura infantil no Brasil. Segundo Moura (2016), a obra de Monteiro não validou o autoritarismo, o didatismo maciço, mas rompeu com essa corrente, contribuindo para a formação de uma nova mentalidade em seus leitores.

Além disso, de acordo com Lajolo e Ziberman (2007), a disseminação do Modernismo, que incluía o folclore, tentou aproveitar o seu material para a literatura infantil. Entretanto, as autoras afirmam que a incorporação do acervo lendário e popular à literatura infantil, nessa época, não impediu a permanência do processo de adaptação de obras estrangeiras para o público infantil.

Foi nos anos 40, que temáticas voltadas para a Amazônia passaram a interessar os autores que já pensavam no público juvenil. “Os modernistas viram a Amazônia de modo diferente: ela encarnou o primitivismo buscado nos programas e manifestos, esvaziada de um plano histórico, mas carregada de magia e encanto.” (LAJOLO; ZIBERMAN, 2007, p.113).

De acordo com as autoras (2007), só em 1947, foi lançado o primeiro livro nacional de ficção científica dedicado ao público juvenil: *Três meses no século 81*. Seguindo a trajetória, originou-se instituições como a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), as várias Associações de Prossores de Língua e Literatura, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo, em 1979.

Lajolo e Ziberman (2007, p.60) dizem que “são muitas as formas pelas quais o texto infantil contemporâneo busca romper com a esclerose a que o percurso escolar e o compromisso com uma pedagogia conservadora parece ter confinado o gênero.” Ademais, acrescentam que através do reaproveitamento inovador de elementos de lendas brasileiras e assuntos regionais há uma ruptura, pois os textos explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico.

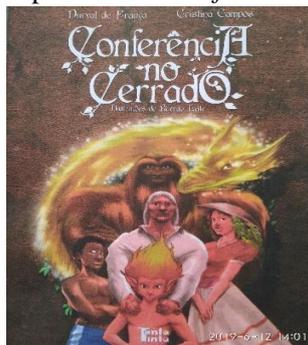
Nessa perspectiva de contribuição da literatura para a vida infantil e juvenil, Bettelheim (2002, p.5) destaca os contos de fadas folclóricos como o mais enriquecedor e satisfatório para a criança e para o adulto, “através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedades, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil”.

Ao considerar essas exposições, acredita-se que a obra *Conferência no Cerrado*, além da sua herança cultural, se enquadra na promoção de prazer por meio do imaginário e na sensibilização humana quanto aos problemas ambientais, de forma que proporciona reflexões interiores sobre a ação individual frente à natureza. Nesse sentido, torna-se conveniente o conhecimento da obra, assim como o desenvolvimento de um trabalho literário a seu respeito na escola.

CONHECENDO UM POUCO SOBRE CONFERÊNCIA NO CERRADO

Conferência no Cerrado é uma narrativa infanto-juvenil escrita por Durval de França e Cristina Campos que abrange o folclore mato-grossense e a sua temática é voltada para questões ambientais. Os seres encantados que a compõem são: *Currupira*, *Pé de Garrafa*, *Negrinho D'Água*, *Mãe do Morro*, *Tibanaré* e *Boitatá*. A obra é constituída por sete capítulos e cinquenta e seis páginas e as ilustrações são de Ricardo Leite.

Imagem 1- Capa do livro *Conferência no Cerrado*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Escrita em 2008, decorrendo portanto, mais de dez anos, a obra se faz atual. A narrativa retrata a devastação da natureza, critica algumas visões sociais em relação aos povos indígenas, a ganância do homem pelo ouro, e em progressão narrativa, a figura feminina torna-se preponderante, mediante a voz eloquente e os conselhos da *Mãe do Morro*, orientada pela *Mãe Terra*. O trabalho de sensibilidade com adultos e crianças em prol da preservação do meio ambiente é a missão que os seres encantados auto delegam durante a *conferência*.

O personagem principal é *Currupira*, com dois “rr”, diferentemente do ser lendário nacional que se grafa com apenas um “r”. Esse *currupira* com dois “rr” é o guardião do cerrado mato-grossense. Assim, o primeiro capítulo do livro inicia-se com “*O Despertar do Currupira*”: “Currupira, hoje, amanheceu assim. Parecia mulher em TPM. Uma intuição agourenta o fazia ver sua casa apertada e opressiva.” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p.9). É mediante essa inquietação que surge o conflito da narrativa, *Currupira*, o pequeno duende, inicia a sua caminhada e percebe o cerrado sendo desmatado, a brisa em nuvens de poeira, o cheiro de agrotóxicos, as moitas de buritis que protegiam as nascentes d’água desaparecendo, o bando de animais silvestres mingando e o silêncio de aves e de insetos. Tudo isso o leva a procurar informações e a ajuda de outros seres lendários, protetores do cerrado.

Imagem 2- Estudante caracterizado de *Currupira*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

“Enquanto mastigava essa ideia junto com um coquinho de bocaiuva procurando um ponto de partida, do breu da noite ouviu um barulho ritmado – triiim-troom/ triiim-troom – de alguém que se aproximava aos pulos, seguido de um grito baixo, como um eco, inconfundível” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p.12). É nesse momento que surge outro personagem fundamental para dar progressão a narrativa; o *Pé de Garrafa*, mensageiro das forças defensoras da natureza, primo e vizinho de *Curruçira*. Ele pula em uma perna só e veio da serra da Bocaina. *Pé de Garrafa* diz que estava fazendo a sua ronda de proteção à natureza e como a sua missão é levar e trazer mensagens, estava preocupado com o que estava acontecendo com o meio ambiente. No diálogo com o primo, ambos analisam como devem agir e concluem que *Curruçira* será necessária uma conferência com os seres lendários. Logo, *Pé de Garrafa* aprova e disponha-se a entregar os convites.

Desta forma, os convidados para a conferência são: *Troá* de Água Fria, *Minhocão* do Pari, *Negrinho d'Água* de Santo Antônio do Rio Abaixo, *Mãe do Morro* de Poconé, *Tibanaré* de Nossa Senhora da Guia, *Boitatá* da Serra do Cachimbo e *Saci Pererê* da Serra Geral. Assim, saiu *Pé de Garrafa* para a entrega dos convites. “Quatro luas se passaram e nada de *Pé de Garrafa* aparecer. *Curruçira* contava lua após lua, dia após dia e eis que, na madrugada da lua nova, quando o céu fazia escuros, uns rumores sacudiram o terreiro adjacente à caverna [...]”. Portanto, *Pé de Garrafa* retorna e passa a narrar para o primo os desafios que enfrentara. Apresentou vários motivos por ter demorado tanto: a época não era favorável para a viagem, enfrentou sérios problemas climáticos, apesar de ser época de seca, pro lado do Pantanal estava chovendo muito, no norte o fogo alastrava e incendiava a floresta, chuva de granizo no sul de Mato Grosso. Por conta disso, afirmou ter se perdido por diversas vezes. Relatou que o *Troá* (pássaro) estava desaparecido, que o *Minhocão* do Pari estava muito ocupado tentando desobstruir a entrada de sua loca e salvar a sua família, por causa do abre-fecha da Usina do Rio Manso. Também não havia encontrado o *Saci Pererê*, pois disseram que estava no Estado de São Paulo, tratando de assuntos particulares. Entretanto, *Pé de Garrafa* disse que estavam confirmadas as presenças de *Negrinho d'Água*, *Tibanaré*, *Boitatá* e *Mãe do Morro*.

Pé de Garrafa também afirmou ter se atrasado porque encontrou uma bruxinha clandestina meio doidinha – *Leiloca de Pedra* – que vinha fugida do oriente médio e

que teve a sua vassoura destruída devido as bombas norte-americanas na guerra contra o Iraque. Por conta disso que teve que ajudá-la a fazer uma vassoura nova e deixou com ela o convite para o *Saci*, caso aparecesse.

Imagem 3- Estudantes representando a *bruxinha Leiloca de Pedra e Pé de Garrafa*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Outro personagem a participar da conferência é o *Negrinho d'água*; o protetor das águas contra a pesca predatória. “*Negrinho d'água* refletiu muito para fazer essa viagem. [...] Para vencer as pedreiras e as cachoeiras, precisaria de uma embarcação ágil e veloz, então encomendou um barco de espumas a um cardume de piabas, moradoras das corredeiras do rio Paraguai.” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p.22).

Imagem 4 - Estudante caracterizada de *Negrinho d'Água*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Em defesa do meio ambiente também não poderia faltar *Tibanaré*; protetor dos índios, com poder de convocar morcegos para disseminar a doença da raiva em garimpeiros que colaboram para dizimação indígena. “- Estou aqui para conclamar justiça para os povos indígenas. Eles estão encurralados, sem saída. Têm que guerrear para defender o que é seu: a terra, a liberdade e a vida, que lhe são sagradas.” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p.38).

Imagem 5 - Estudante caracterizada de *Tibanaré*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Ao *Boitatá* foi confiada a responsabilidade de proteger subsolo, onde estão as grandes jazidas de produtos não-renováveis, como o ouro e o diamante. Em seu discurso, disse que o Cerrado está cheio de homens munidos de diferentes máquinas e que estão destruindo tudo. “Reviram o solo, assoreiam os rios, sujam e contaminam as águas, devastam as matas, matando plantas e bichos. À medida que vão se esgotando as jazidas, eles vão seguindo em frente como um bando de gafanhotos [...]” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p.40).

Imagem 6- Estudante caracterizada de *Boitatá*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Para completar a composição de personagens, surge *Mãe do Morro*, com beleza esplêndida, chapéu de peneira na cabeça, repleto de orquídeas e samambaias, seus gritos tem o poder de chamar a chuva para apagar incêndios, segura de si, dona de uma voz imponente, ela propõe a coordenar a conferência.

Imagem 7- Estudante caracterizada de *Mãe do Morro*



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Currupira decidiu que a conferência ocorreria na caverna Aroé-Jari, em Chapada dos Guimarães. De acordo com os autores (2008, p. 21) trata-se de um espaço sagrado para os índios Bororo e em sua língua significa “Caverna das Almas”, “porque como o útero da Mãe Terra – que tudo gera e para onde tudo retorna – é um dos locais onde se realizavam seus ritos funerários.”

Imagem 8- Conferência na caverna Aroé-Jari



Fonte: Livro Conferência no Cerrado (2008, p. 30)

O clímax ocorre com a realização da conferência, momento em que cada personagem expõe o que tem feito para defender o meio ambiente. Infelizmente, concluem que as ações não têm surtido resultados. Nesse sentido, é *Mãe do Morro* quem pontua a gravidade da situação: “Como todos vocês sabem, os humanos perturbaram a harmonia do planeta. O pulsar do coração da Mãe Terra está enfraquecendo. Estamos diante de um quadro caótico e nem sempre agimos corretamente” (FRANÇA; CAMPOS, 2008, p. 53-54). Por fim, o desfecho; *Mãe do Morro* aponta a solução mediante o conselho da *Mãe terra*: “unir forças para investir em uma educação de sensibilidade e da imaginação, primeiramente dos adultos e depois das crianças.” Após fazerem um círculo no centro do terceiro salão da caverna, *Mãe do*

Morro soltou um grito estridente chamando a chuva e trazendo o arco-íris, finalizando a conferência.

Imagem 9- Estudantes representando a Conferência no Cerrado



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA BÁSICA

A leitura e a interpretação da obra *Conferência no Cerrado* foi desenvolvida com estudantes, mediante a sequência básica de Rildon Cosson (2012), que a define em quatro passos:

- a) Motivação- consiste em preparar o estudante para entrar no texto;
- b) Introdução- apresentação do autor e da obra;
- c) Leitura- período em que o estudante, fora da sala de aula realiza a leitura da obra. São inseridos nesse período os chamados *intervalos*; ideais para auxiliar e verificar como está ocorrendo a leitura e para trabalhar atividades específicas, de natureza variadas;
- d) Interpretação- Ocorre em dois momentos, um interior - momento de encontro entre leitor e a obra e as suas impressões ao término da leitura; e o exterior – o leitor expressa a sua interpretação podendo ser por meio de uma resenha, um debate, um diário anônimo, uma maquete, performance-dramatizando trechos da obra ou vestindo-se como os personagens.

De acordo com o autor, essa sequência não deve ser vista como modelo “cego” a ser seguido, mas como possibilidade concreta de organização de estratégias para o trabalho literário em sala de aula. Assim, o organograma abaixo expõe o resumo das etapas planejadas para sequência básica de *Conferência no Cerrado*:

Organograma 1- Etapas da sequência básica *Conferência no Cerrado*



Fonte: Organograma elaborado pelas professoras pesquisadoras (2019)

Tabela 1- Planejamento da sequência básica *Conferência no Cerrado*

Identificação
<p>Obra- <i>Conferência no cerrado</i> Autores- Cristina Campos e Durval França Disciplina- Língua Portuguesa Instituição- Escola Estadual Estudantes da turma do 9º ano B</p>
Motivação
<p>Objetivos</p> <p>Despertar o interesse dos alunos para a leitura da obra; Dar suporte para a leitura.</p>
<p>Desenvolvimento</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Iniciar apresentando a capa da obra; ● Perguntar aos estudantes se eles já conhecem a obra; ● Permitir que toquem a obra, mas sem manusear orelha e páginas; ● Perguntar: O que o título sugere? O que é uma conferência? O que é um cerrado? Conhecem algum? Em nosso estado tem cerrado? E os personagens da capa, vocês conhecem? ● Pedi para que os estudantes façam uma síntese da obra mesmo sem conhecê-la.

<ul style="list-style-type: none"> • Após produção, pedir que os estudantes realizem a exposição da síntese; • Posterior a exposição, exibir os vídeos: <ul style="list-style-type: none"> ➢ <u>Conhecendo o cerrado mato-grossense;</u> ➢ <u>O Curupira: o protetor da floresta - folclore brasileiro;</u> ➢ <u>A lenda do pé- de - garrafa - folclore brasileiro.</u> <p>A cada exibição de vídeo, realizar inferências.</p>
<p>Introdução</p> <p>Objetivos Apresentar breve biografia dos autores; Proporcionar conhecimento sobre a obra sem revelar o enredo.</p> <p>Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar breve apresentação dos autores por meio de leitura biográfica; • Falar da obra de forma geral, sendo capaz de despertar a curiosidade dos estudantes; • Exibir o vídeo: <u>Leitura em dia: Conferência no cerrado, de Cristina Campos.</u>
<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Organizar grupos para a leitura da obra. • Estipular o intervalo (14 dias).
<p>1º Intervalo</p> <p>Objetivo Trabalhar os elementos da narrativa.</p> <p>Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construir oralmente, junto aos estudantes o conceito dos elementos da narrativa; • Ler a lenda Vozes do além e pedir que identifiquem no texto os elementos da narrativa.
<p>1º Interpretação</p> <p>Objetivo Promover momento para que os estudantes externalize a compreensão da obra.</p>
<p>Leitura</p> <p>Aprofundar a leitura para construir o roteiro do reconto.</p>
<p>2º Intervalo</p> <p>Objetivo Promover conhecimento a respeito do reconto de histórias.</p> <p>Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos estudantes os vídeos <u>O lobisomem</u> e <u>A lenda da Iara</u>; • Discutir com os estudantes a maneira que gostariam de recontar a obra; • Propor e orientar a construção de um roteiro para o reconto; • Propiciar um momento para que o estudante escolha qual personagem da obra ele representará; • Organizar local para o reconto e materiais para caracterização de personagens.
<p>2º Interpretação</p>

Objetivo

- Momento em que os estudantes farão o reconto da história em vídeo;
- Circulação do reconto na escola e em redes sociais.

Fonte: Planejamento elaborado pelas professoras pesquisadoras (2019)
DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA BÁSICA E EXPOSIÇÃO DE RESULTADOS

A sequência básica proposta foi desenvolvida com nove estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Alta Floresta, do estado de Mato Grosso. Os estudantes são oriundos da zona urbana e a maioria provém de classe baixa. São adolescentes bastante entusiasmado e comprometidos com os estudos.

A primeira etapa; a *motivação* cumpriu o seus objetivos – que era despertar o interesse dos estudantes e dar suporte para a leitura. Dessa forma, a aula foi bastante divertida, iniciou-se com perguntas a respeito da capa do livro. Assim, eles conseguiram inferir que a *conferência* tratava-se de uma reunião. Porém, tiveram dúvidas para definir sobre o cerrado e alegaram que em estado de Mato Grosso não havia nenhum. Entre as definições disseram: “o cerrado tem pedras”, “savanas”, “é deserto”, “não, é úmido”.

Como parte da motivação, a obra passou de mãos e mãos e analisaram as imagens. De forma que, foi proposto que fizessem uma síntese do que poderia ser a obra, fato que causou risos. As quatro sínteses elaboradas trouxeram histórias como: “Uma tribo guerreira que vivia na floresta e combatia espíritos malignos que tiravam a paz indígena...” “Em uma caverna grande havia uma tribo em que homens e mulheres usavam trajes enormes que lutavam com um dragão de fogo...” No meio do cerrado, na região nordestina, na Bahia, houve uma conferência entre os animais lendário...” “No cerrado, havia uma moça muito bela de vestido longo de cores vermelha e branca. Um dia, viu algo e correu assustada para a sua tribo, mas no final era um dragão, juntaram-se a ele e tudo acaba bem.”

Após socialização das sínteses, os estudantes assistiram a três vídeos de curta duração. Sendo: Conhecendo o cerrado mato-grossense; O Curupira: o protetor da floresta e A lenda do pé- de - garrafa. A cada vídeo, foram feitas inferências, de modo que algumas exposições feitas pelos estudantes se confirmaram e outras foram refutadas.

Na *introdução*, foi apresentada a biografia dos autores e foram feitas explanações a respeito da obra, de forma a promover a curiosidade dos estudantes. Também assistiram ao vídeo Leitura em dia: Conferência no cerrado, onde a própria Cristina Campos faz a divulgação da obra e o convite para a leitura. Desse modo, essas duas etapas transcorreram de forma satisfatória, onde percebeu-se que os estudantes expressaram interesse pela leitura. Assim, na terceira etapa a da *leitura*, foi organizado três grupos e acordado o prazo de 14 dias para a realização da leitura.

No primeiro *intervalo*, foi trabalhado os elementos da narrativa: espaço, personagens, narrador, tempo e enredo. A lenda *Vozes do Além* de Dunga Rodrigues foi suporte para este trabalho. Depois de conceituar os elementos da narrativa, realizou-se a leitura da lenda e posteriormente, eles realizaram o exercício identificação dos elemento no texto. Apresentaram compreensão e portanto, não houve dificuldade.

De acordo com Cosson (2012, p.65) “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer para cada leitor, ele continua sendo um ato social.” Dessarte, a primeira *interpretação* foi o momento em que os estudantes puderam expressar o entendimento sobre a obra. Apesar da empolgação inicial para a leitura, percebeu-se por meio das exposições que nem todos tinham lido. E os que disseram terem lido, o fizeram de modo superficial. Alguns alegaram que a leitura não vinha ao encontro da sua expectativa e outros que não houve tempo. Desse modo, foram feitas inferências sobre aspectos centrais da obra e estipulou-se uma nova *etapa de leitura* para aprofundamento a fim de terem domínio para elaborarem um roteiro de reconto da história.

No segundo *intervalo*, foi trabalhado o que é um reconto. De acordo com Sá (2014), “reconto é a reconstrução oral de um texto já existente. O principal procedimento é a imitação a partir de um texto modelo: um conto clássico, anúncio, texto expositivo, uma notícia, entre outros.” Nesse sentido, foi proposto para os estudantes que realizassem um vídeo contendo narrativa e fotos que retratasse a obra. Entretanto, eles preferiram que o reconto fosse realizado com a interpretação deles, sem fotos, mas com cenas de ação. E para dar suporte a esta realização eles assistiram dois vídeos: O lobisomem e A lenda da Iara.

Após isso, os estudantes decidiram que personagens seriam e quem ficaria responsável por filmagem e edição. Também foi discutido onde seria realizado a filmagem do reconto. À princípio, foram mencionados lugares pitorescos, porém

necessitava de autorização entre instituições envolvidas, mas a ideia não foi descartada. Em um novo encontro esperava-se que eles trouxessem o rascunho do roteiro que iriam interpretar, mas isso não aconteceu, tiveram dificuldade. Segundo Sá (2014) para elaborar um roteiro do texto é necessário que os estudantes identifiquem as partes importantes da história, e que o professor pode colaborar ao realizar o registro em um cartaz. Também pode brincar de encenar: o professor reconta a história, a partir do roteiro, e os estudantes assumem os personagens, interferindo na narração, completando e sugerindo mudanças no texto.

Dessarte, de forma colaborativa, elaborou-se o roteiro e iniciaram os ensaios para o reconto em vídeo. Coincidiu na época a promoção de jogos escolares, o que ocasionou a falta de participantes, assim nos períodos de ensaio, dificilmente a equipe estava completa. Durante os ensaios, os estudantes participantes demonstraram dificuldade em encenar, porém os momentos eram divertidos e contribuíam para amenizar a timidez de alguns e promover a socialização entre eles.

Depois de todo esse período de entendimento da obra, chegou o dia da segunda *interpretação*; momento em que eles se caracterizariam e gravariam o reconto em um ambiente natural, próximo a escola. Assim, iniciou-se o trabalho de pintura, vestimenta e acessórios. Havia muita empolgação e alegria entre todos. Destaca-se o importante apoio da equipe gestora nesta ação e a colaboração da professora da sala de recursos na ajuda de caracterização.

Logo, todos prontos, decidiu-se que antes seria feito visita às salas de aula do ensino fundamental I e II, de forma que iniciou-se a jornada. A cada visita, era mostrada a obra *Conferência no Cerrado*, os personagens se apresentavam, cada um falava timidamente, sobre a sua missão em relação a natureza e ao final, com a colaboração da professora, fazia-se um apelo para a sensibilização da proteção do meio ambiente.

Imagem 10- Estudantes e professora fazendo apresentações em sala de aula



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

As visitas começaram a demorar mais que o previsto e ao final, havia o momento de fotos com todos estudantes.

Imagem 11- Momento de foto com uma das turmas de ensino fundamental



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

Quando já estava se encaminhando para realização da gravação, uma professora do período vespertino requereu que à tarde também houvesse apresentações. A coordenação não se opôs e os estudantes ficaram empolgados com a ideia. De modo que, percebeu-se que toda essa ação atingiria muito mais o objetivo de entendimento da obra e do prazer literário do que a gravação do vídeo. Desse modo, no período vespertino, realizou-se novamente as apresentações. Apenas um integrante do grupo não pôde participar; *Negrinho d'Água*, entretanto, outro estudante se propôs substituir. Além

disso, o representante do personagem *Tibanaré* não pôde comparecer de manhã, assim no período vespertino, outra estudante espontaneamente, quis fazer a representação. Sendo assim, repetiu-se o entusiasmo e a reconto da obra, conforme havia sido no período matutino. À noite, as fotos foram divulgadas em grupos de *whatsapp* e *no facebook*. Observou-se que os estudantes tiveram muito prazer em realizar este trabalho e além disso, houve um impacto positivo com envolvimento de outros professores e outras turmas.

Imagem 12- Período matutino e vespertino de apresentações - estudantes e professora



Fonte: arquivo das professoras pesquisadoras (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa-ação foi possível refletir sobre a importância e conquista da literatura infanto-juvenil a qual possui obras que fomentam a nossa cultura e agrega conhecimentos importantes à formação do leitor, como exemplo *Conferência no Cerrado*. Assim, entende-se que é preciso moveres constantes em prol do conhecimento, da divulgação e valorização dessa literatura. Ademais, acredita-se que a

Volume 20
Número 47

sequência básica que foi desenvolvida com os estudantes conseguiu realizar isso, em vários níveis, ou seja, a uns tocou mais, a outros menos, no entanto, tocou.

Portanto, ao término deste trabalho, constata-se que é cada vez maior o desafio de motivar os estudantes para a leitura e usufruto da literatura. Mas, mediante a proporção de prazer e conhecimento que essa experiência ocasionou aos envolvidos, considera-se, além dos resultados satisfatórios, que trabalhar com a literatura no ensino fundamental é romper barreiras e humanizar o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. 3 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano 16ª Edição - Paz e terra – 2002
- CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Tradução Maria José de Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez 2014.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron, Brasília, INL, 1981
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FRANÇA, Durval; CAMPOS, Cristina. *Conferência no Cerrado*. Ilustrações Ricardo Leite. Cuiabá: Tantatinta Editora, 2008.
- LAJOLO, Marisa. Zilberman, Regina. *Literatura infantil brasileira; História e Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 6ª edição, 2007.
- MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MOURA, Arigésica Andrade. *A literatura infantojuvenil na prática de licenciados em Letras Vernáculas da UNEB: entre fios, tramas e tessituras*. Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação. Feira de Santana, 2016.
- ROUXEL, Annie. *Reading Practices: How to Favor Expression of the Reader-Subject? (Práticas de Leitura: Quais Rumos para Favorecer a Expressão do Sujeito Leitor?)*. Tradução de Neide Luzia de Rezende and Gabriela Rodella de Oliveira. Cadernos de pesquisa, v.42 n.145 p.272-283 jan./abr. 2012.
- SÁ, Alessandra Latalisa. *Reconto. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores* / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

Data de recebimento: 24/06/2019
 Data de aprovação: 23/08/2019